

REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VI
II SERIE

5 DE MARÇO 1922
N.º 117

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

A visita dos Americanos a Portugal

COMO por nós e pelos diários citadinos fôra anunciado, realizou-se, no fim do mez passado, a visita a Lisboa dos oitocentos americanos que, em excursão de recreio promovida pelas agencias de New-York, andam percorrendo varios paizes.

O transporte d'essa população fluctuante faz-se a bordo d'um grande transatlantico, o «Empress of France», especialmente dedicado a esse fim.

Esse barco é enorme, de construção apropriada, deslocando cerca de 18.000 toneladas. Entrou facilmente no Tejo, vaidoso da elegancia das suas linhas; deu volta a meio do rio, atracou á muralha do entreposto da Rocha do Conde d'Obidos e desembarcou uma grande parte dos seus momentaneos habitantes.

Demorou-se dois dias, findo os quaes desamarrou e seguiu rio abaixo em direcção ao mar, com a mesma facilidade com que singrou as aguas portuguezas ao entrar em Portugal.

N'outros tempos a vinda ao Tejo de barcos com excursionistas estrangeiros não constituia, por assim dizer, um motivo de especial attenção.

Como em Portugal se desconhecia por completo o valor do turismo, limitavamos

a registar o facto como a coisa mais natural d'este mundo, e a gozarmos a excentricidade dos turistas que desembarcavam, muito especialmente pela exquisites da *toilette*.

Assim, vinham e iam-se, sem se conhecer quaes as impressões geraes que levavam, o que mais lhes tinha agradado, a possibilidade de voltarem, o que era preciso para tornarem a vir. Nada nos interessava, porque, em boa verdade, nada faziamos para eles cá virem. E se nos visitavam, não era porque a isso os convidassemos; era simplesmente porque os outros, por interesse proprio, lhes sugeriam a idéa de o fazerem.

E assim se passou muito tempo sem haver em Portugal a menor idéa de se explorar o facto, antes aceitando de muito boa-mente a exploração que de nós os outros estavam fazendo.

Hoje, porem, que em Portugal já se conhece o valor da industria de Turismo, que ha uma Repartição Official de Turismo, que ha uma Sociedade de Propaganda, que ha imensos interesses ligados a essa exploração em o nosso paiz — o que se fez para receber esses oitocentos americanos que nos visitaram? — Qual foi a entidade official ou officiosa que os recebeu? — Que programa se lhes ofere-

ceu para, aproveitando bem o curto espaço da sua estada em terra portugueza, saberem ou conhecerem o que temos que os pudesse induzir a voltarem o mais breve possível? — Qual foi a propaganda feita, n'esse esplendido ensejo, entre esses oitocentos propagandistas que a Providencia nos trouxe? — O que se lhes deu, o que se lhes mostrou, o que se lhes fez perpassar ante a vista ávida de comoções, que os possa recordar-nos com o entusiasmo de repetirem a visita, de virem aqui descansar, de para cá virem curar-se?

Crêmos que nada.

Simplemente, os quotidianos limitaram-se a fazer propaganda para... nós.

Descreveram a chegada do barco, estamparam a sua fotografia, noticiaram singelamente o que fizeram alguns d'esses

visitantes e, alfim, informaram da sua partida.

O *Seculo* foi mais além: — estampou uma saudação em inglez, acompanhando-a dos retratos do Presidente Harding e do illustre Ministro da America em Portugal, Coronel Birch.

No genero de propaganda a Portugal é completo e de seguros efeitos..

Sem duvida alguma que logo que cheguem á America, esses oitocentos excursionistas inscrever-se-hão rapida e novamente para outra viagem a Portugal, a fim de verem outra vez o estuario do Tejo, as ruas de Lisboa e os bonecos do *Seculo*, acompanhados de nova saudação em inglez.

Ora pois.

JOSÉ LISBOA

TURISMO INSULAR

DEFICIENCIA DA SUA ORGANISAÇÃO

EM o numero com que, brilhantemente, consagrou o seu 2.º aniversario, o nosso presado colega *Comercio da Madeira*, referindo-se á industria do Turismo n'aquella seductora Ilha, e salientando os bons serviços que, principalmente aos turistas estrangeiros, estão sendo prestados pelo «Reid Palace Hotel» e pela Companhia do Caminho de Ferro do Monte, insere os seguintes periodos que achamos muito conveniente transcrever — o que fazemos com a devida vénia:

«O turismo tem merecido ao *Comercio da Madeira* disvelados cuidados de incitamento, verdadeiros empurrões amigos para que progrida, se desenvolva, trazendo-nos a consequente riqueza que é uma das nossas maiores ambições.

Muito se tem conseguido, mas muito ainda ha a conseguir.

Para que o turismo na Madeira tome verdadeiro incremento, não é só mister que hajam facilidades para a navegação, nem que os encantos naturais sejam sedutores. E' necessario

que o turista encontre — uma vez entre nós — a mesma segurança que sente nas terras onde ha uma civilização adiantada, sem receio da exploração da sua bolsa, sem o assalto do mendigo, etc. Para que o turista aqui venha e sinta vontade de propagar as nossas belesas e de voltar a visitar nos, precisa encontrar verdadeiras organizações de turismo, officiais e particulares, que lhes proporcione o gozo espirital que procuram e as facilidades de que carece quem em pouco tempo quere vêr o possível e gosar o maximo.

O que se torna necessario é que todas as entidades officiaes e corporações administrativas, se esforcem para que, a dentro da esfera da sua acção, se desenvolva e proteja, o turismo, que é, sem duvida alguma, das nossas mais ricas senão a mais rica industria madeirense».

Por aqui se vê que, infelizmente, não é sem razão que nos temos referido á falta d'uma organização de turismo n'aquella Ilha.

A Madeira, pela suas excepcionalissimas condições topograficas, pela sua situação no globo, que é privilegiada, pelos seus

naturais encantos, pelas suas belezas muito originaes, pela sua vida, pelos seus costumes, pelos seus usos, muito proprios, muito seus, é um dos mais propicios campos para o desenvolvimento do turismo, na sua mais lata acepção. Quer como estância de cura, quer como estação de repouso ou, ainda, como lugar de absoluto recreio para o espirito, poucos a egualarão e, talvez, nenhum mesmo a exceda.

E' classificando-a em calão plebeu, *uma mina*. Infelizmente uma mina inexplorada, simplesmente — segundo cremos — por falta d'uma entidade que faça convergir e oriente todos os esforços n'um mesmo sentido.

A *Revista de Turismo*, que á causa do Turismo insular, tem prestado uma boa parte da sua atenção, tem tambem inserido nas suas columnas interessantes chronicas do seu illustre correspondente no Funchal, nas quaes esse nosso querido amigo, reconhecendo quão util e proveitoso seria para o progresso d'aquela por-

tuguezissima ilha, a constituição d'uma Sociedade de Propaganda e de defeza dos interesses da Madeira, vem de ha muito pugnando pela realização d'essa idéa, que ele considera como o unico recurso pratico e viavel para se atingir o fim tão desejado.

Essa idéa já mereceu o aplauso e a aprovação do *Comercio da Madeira*, que sem duvida, continuará a advoga-la com o entusiasmo com que a acolheu, por ter comprehendido, certamente, que os resultados d'uma obra de tanto vulto, como a que a Madeira impõe aos seus filhos, só podem dimanar d'uma criteriosa e ordenada congregação d'esforços.

Pensamos que a perspectiva é sufficientemente tentadora para animar a uma tal empreza, e a sua propaganda cabe bem na indole d'aquello nosso prezado colega da imprensa, tanto mais que deixou de ser politico para sêr *regionalista*, o que impõe especiaes deveres e pezadas responsabilidades.

A "FEIRA DE LISBOA,"

E' a triste sina d'este Paiz. Todas as boas idéas, as mais belas concépções patrioticas — após a inspirada composição dos Luziadas — desfazem-se como simplissimas bolas de sabão ao primeiro embate d'um sopro.

...E Luiz de Camões conseguiu vêr realizada a sua obra — sem certamente ter pensado na sua immortalidade — porque, apesar de tudo, a sua epocha caracterisou ainda o povo luzitano com os predicados que, de ha muito, se desligaram da sua propria personalidade.

Hoje — essa personalidade acha-se limitada a um simples sêr vivente, sem indole, ou com má indole.

O amolecimento, a comoda inação, proveniente d'uma extranha descrença levada

UMA INICIATIVA GORADA?

até o limite maximo do *não vale a pena*; e a indiferença resultante da sensibilidade embotada, cederam logar á astucia dos maus, que, para maior vergonha — se a houvesse — se contam por uma infima minoria, todavia imperando tão soberanamente como se representasse a força maior do conjuncto.

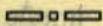
Fóra do campo onde acciona essa negregada seita dos espiritos maus, que corrompe, empata e destroe pela inveja, por perverso instincto, por má indole — emfim, pela obliteração dos sentimentos no ambiente de dessoramento que lhes é propicio — nada de bom, de util, de pratico e de patriotico consegue vencer. Só vinga o que é mau; só caminha o que é prejudicial; só tem realidade o que pode satisfazer

unicamente o egoismo proprio, a vaidade pessoal e o interesse mesquinho que possa resultar.

Tudo quanto possa refletir um proveito para a colectividade, ou um simples beneficio patriótico, não tem realidade.

... Parece que a educação da geração actual foi influenciada na antipathica phrase do Conde Danilo, da celebre opereta «*Viuva Alegre*: — *A patria que não m'aborreça*...

Como tudo isto é triste!



— Porque não se realiza a *Feira de Lisboa*?

Ha dias noticiaram os jornaes que se tinha reunido a Comissão encarregada de a levar a efeito.

S. Ex.^{as} deram ainda um signal de vida.

— Que teriam resolvido?

— Que trabalhos teem projectados?

— Que planos ha traçados?

— Quando se realiza a Feira?

— Qual o sitio escolhido para esse fim?

São estas as perguntas essenciaes que acorrem ao nosso espirito.

— Quem nos responderá?

Por momentos acreditámos em que essa bela idéa (abstrahindo o facto d'ela ter visto a luz da publicidade nas modestas columnas d'esta Revista) ia enfim ter uma pratica realização. O entusiasmo que se creou em volta da larga publicidade que lhe deu o nosso colega citadino *A Patria*, a que demos o nosso limitado concurso, levou-nos ao convencimento de que a *Feira de Lisboa* viria a ser um facto.

Hoje — que são passados dois anos quasi sobre o caso e que esse entusiasmo já esfreou por completo, não acreditamos na sua realização — a menos que um dos muitos incidentes ocasionaes em que é fertil a nossa desorientada vida, venha a produzir-se tão singular como inesperadamente.

— Porque o facto d'existir ainda a comissão encarregada de levar á pratica a realização d'essa idéa, não quiere dizer que isso aconteça.

— Pois se os fracos haustos de vida que ela dá, faz pensar que esteja na agonia...

J. L.

PORTUGAL PITORESCO

A SERRA DA LAPA E A CAPELA DE NOSSA SENHORA

Do interessante opusculo que nos foi gentilmente oferecido pelo nosso muito estimado assinante, Rev. Padre Francisco Pinto Ferreira, contendo a entrevista concedida em Agosto de 1919 ao nosso colega A Ordem pelo Rev. Padre Benevuto de Souza, sobre o pitoresco recanto da Beira Alta que se chama a Lapa, onde está erecta a Capela de Nossa Senhora da Lapa, transcrevemos os pontos mais interessantes e que bem mostram as excelsas belezas d'essa encantadora região.

Nós sabiamos que o Padre Benevuto passava por Campanhã, vindo da Beira Alta, e fomos ao seu encontro, não só para o cumprimentar; mas para o entrevistar. O comboio custava a chegar. Comboios a horas! Quem pensa agora n'isso?

Eil-o! Era tempo.

Que enorme! E muitos passageiros! Toda a gente gosta de vir á cidade. Não lhes gabo o apetite. Virão por negocios. Quem sabe?

Olhei, tornei a olhar, e nada. — Não veio, deixou-se por lá ficar. Fez bem. Mas eil'ô que aparece deante de mim, alegre, prasenteiro, de mala na mão, coberto de pó:

— Parece-se com o luctador vindo da arena... disse-lhe a rir.

— E' o que vê, amigo! Venha um abraço.

— Sempre de bom humor!

— Cançado e falho de dormir.

— Ainda não almoçou?

— Só com uma chavena de leite, ás 4 da madrugada, em Rezende.

— Deve estar precisado de alimento.

E fomo-nos encaminhando para o restaurante.

O nosso amigo consultou o relógio — um relógio de aço, já gasto pelo uso de anos.

— Temos muito tempo.

— Então não fica por aqui, para falarmos das nossas obras, da *Boa Imprensa do Missionario de papel*, do *Pulpito sagrado*, d'*A Obra dos grandes apostolados* — que teve um successo — de mil coisas emfim?

— Não; não fico. O Porto não é logar para o descanso que preciso. Sigo para Espinho. N'aquela clima benigno, respirando as brizas do Oceano, desconhecido de todos, muito só, em poucos dias recuperei as forças.

— Desconhecido de todos, e muito só, duvido,...

— Vamos; vamos comer alguma coisa — acrescentou, com ar alegre.

A' mesa do restaurante, o creado pergunta se queremos ovos, e como os queremos.

O Padre Benevenuto rindo:

— Ovos! Ovos, sim!

Venho da *Senhora da Lapa* — «O mais celebre Sanctuario não só da Beira, mas de todo o Portugal» — dizia Fr. Agostinho de Santa Maria, no Sanctuario Mariano — e eu digo-o tambem. Fui prégar a sua novena. Já lá vou ha trez anos, e lá irei, emquanto tiver saude e vida.

.....
Conhece a *Senhora da Lapa*?

— Ouvi falar d'ela, muito por alto, a uns romeiros, que de lá vinham, alegres como umas paschoas.

— Vae ficar surprehendido com o que lhe hei-de contar. Olhe, apareça por Espinho. Quero lá passar horas comsigo. Serão horas deliciosas. Verá.

— Então, até Espinho.

— Adeus meu caro.

.....

Ao Padre Benevenuto não se póde faltar. Prometera aparecer-lhe em Espinho, tinha de cumprir. Demais, eu estava altamente interessado em o ouvir falar do Sanctuario, que é o seu encanto. «O Padre Benevenuto é um louco pela *Senhora da Lapa*», já o ouvi dizer, por mais de uma vez.

A Espinho!

O dia convidava. A atmospheria refrescára notavelmente. Nem frio, nem calor. Umhas nuvens densas se tinham encarregado de velar o sol, e até de orvalhar os campos, de dar mais viço ás flores. Só com aquele orvalho da manhã, os jardins de Miramar — *praiasinha de fadas encantadas* — lhe chamarei eu — e os da Granja, pareciam outros. Aquela chuvasinha miuda, tinha-os transformado, tornado mais belos.

Em Espinho pouco movimento; os cafés desertos. Os banhistas, na sua quasi totalidade, preferiam o ocio das barracas, ás notas harmoniosas de dois magistraes sextetos.

Olhámos por uma parte, e por outra, e o nosso amigo não aparecia. Fomos encontral-o n'um modesto quarto de hotel como monge beneditino, dentro da sua cela...

E a rir me foi dizendo:

— Mau é prometer a reporters... Emquanto não fazem a sua não descansam... Muito boas pessoas; mas curiosos como ninguem. Nenhuma mulher lhes ganha.

— Mau reporter o que assim não fôr.

— Não está só n'isso o bom reporter. E' preciso mais... — Um reporter com bom fáro, bem conhecedor da *arte de tirar partido*, escravo da verdade — a que póde dar, sem a menoscabar, côres brilhantes,

para a tornar mais seductora, faz a fortuna d'um jornal.

— Já o esperava. A conversa havia de derivar para a *imprensa*...

Não se lembra do prometido?

— Muito bem. Quer que lhe fale da *Senhora da Lapa*.

O Padre Benevenuto, vae á janella: olha para o lado do Oceano...

— E' um mar de leite: — exclama — o mar sempre me atrahê. A's vezes sem dar por isso, fico horas a contemplá-lo. E porque não hade esta entrevista, ser na praia?...
— Digo o mesmo: porque não vamos até lá?

Em poucos minutos atravessámos o areal. A travessia do Sahará levará um pouco mais... As ondas, esperguiçando-se, vinham beijar-nos os pés... Não pronunciavamos palavra... Cortei o silencio.

— Na *Lapa* o espectáculo é muito outro. Pois não é?

— Lá iremos...

O nosso amigo parecia estar fóra de si, e eu não quiz tiral-o d'aquelle extasis...

— Na *Lapa* o espectáculo é muito diferente d'este—O Padre Benevenuto aponta para o Oceano, onde tinha sempre fixos os olhos.—Lá não ha a vaga, ora a avolumar-se, vencedora; ora a rastejar, vencida. Em vez do ronco, por vezes assustador, d'este leão indomito, lá ouve-se o sopro brando do zephiro, o murmúrio da agua cristalina, e gelada da *Fonte dos Clerigos*. Lá, na bemdita *Lapa*, não se vêem estes agrupamentos de ociosos e profissionaes do prazer — agora apontava para os que á sombra das barracas matavam o tempo — vê-se uma multidão recolhida, entregue ás praticas da piedade. Aqui diversões, passatemplos, vaidades; lá o cíciar de orações fervorosas. Aqui a vaidade, o regalo; lá a penitencia, a mortificação.

Não sei o que sentia ao ouvir assim falar quem, *de visu*, conhece tão bem a *Senhora da Lapa*.

— Esse é um lugar privilegiado—atalhei.

— E', sim, como verá.

Logar abençoado. Está mesmo defronte

da Serra da Estrella, parece que a disputar-lhe primazias. A Serra da Estrella, póde ser superior pela altura (1.500 metros), pela escabrosidade, pelas lagoas mysteriosas, pelos precipicios que estonteiam, pelas fundas quebradas, pelas *Penhas douradas* (quatro picos na explanada da Serra assim chamados por estarem cobertos de musgo amarelo), pelo *Fragão do ronca* (uma gruta que póde abrigar 20 pessoas—deulhe o nome Emygdio Navarro), pelos seus *Cantaros*, pelas suas fontes, etc., etc., etc.; mas nunca pelo thesouro que possui a Serra da Lapa — a sua *Senhora*, —ha tantos seculos, visitada e admirada, e glorificada por milhares de gerações.

Tomára a Serra da Estrella, ter uma *Senhora da Lapa*. Então, seria a primeira serra do mundo.

Agora tem, a visital-a, os turistas, os alpinistas; mas, com a *Senhora da Lapa*, teria fervorosos crentes, almas de fé ardente, de religiosidade profunda — o que vale mais.

Quem quizer vêr isso tudo, tire-se dos seus cuidados, e vá á Lapa. (1)

E' assim. No que lhe conto, no que lhe contarei, não ha a menor sombra de exagero.

Quando me vejo na *Lapa*, julgo-me transportado aos desertos da Thebaida.

—?!!

— Sim. Conta a historia, que ela era o lugar preferido pelos desenganados do mundo, para as maiores austeridades. Em celas apertadas, parcos na comida, mortificados no corpo e na alma, eles só se entregavam a uma vida de perfeição, que lhes dava meritos a uma corôa de gloria eterna no ceu.

A *Lapa!* oh! a *Lapa!* parece-se: os romeiros, fugindo ao mundo por nove dias, habitam pequenas casas de pedra ensossa. Uns teem por cama a dura lage, com um pouco de colmo — restos da pa-

(1) Costumam então ir todos á Soberana Rainha as suas celebridades, a pagar-lhes os seus votos e ofertas, e a ter as suas novenas— como se diz no Sanctuario Mariano.

lha de centeio depois de molhado. — Antes da partida, em suas casas, fizeram provisão de pão, e com ele se alimentam, juntando-lhe qualquer outra coisa, até ao fim da novena...

— Teria eu, objectei, de me sujeitar a todas as privações se fosse a esse Thebaida?

— De certo, se quizesse fazer penitencia, como tantos e tantos romeiros. Não querendo, teria todas as comodidades. Bastaria recorrer a quem, na Lapa, tudo superintende, tudo previne, tudo remedeia com uma caridade inexgotavel, com um zelo inexcedivel, com uma bondade e delicadeza encantadoras — o «*Snr. Padre Ferreira*», como todos lhe chamam — o *Guardião* solícito — lhe chamarei eu — do bemdito Sanctuario. O «*Senhor Padre Ferreira*», não sei porque, tem artes de converter aquela serra arida, n'um *oasis* delicioso. E se algum romeiro tem a fortuna, de ser seu hospede? Verá, em pouco tempo, como ele se desentranhá, modestamente, em atenções e delicadezas. «*O Snr, Padre Ferreira*», é naturalmente delicado.

— Estou tentado em ir á *Lapa*; mas como ascender á montanha? *Pede calcante*? Se eu já me canço com os pequenos passeios — ao Palacio por exemplo — o que seria, se tivesse de subir essas alturas a cavalo? Ficava aleijado das pernas, que são muito precisas para dar ordem á vida.

— O amigo está na lua, diz-me rindo, o Padre Benevenuto. Nem a pé, nem a cavalo irá á *Lapa* satisfazer a sua devoção; irá de bom automovel, como eu e outros temos ido tantas vezes. Pois que julga? O progresso tambem já lá chegou. Eu não lhe disse que o «*Senhor Padre Ferreira*» em tudo superintende? Para comodidade dos romeiros, ele mesmo traçou, e depois mandou abrir, por entre pinhaes umas vezes, em escalvada serra outras, espaçosa estrada. O que n'outro tempo levava a subir horas, agora, graças ao emprehendimento ousado d'este inteligente padre, sobe-se, de automovel, em meia hora, o maximo. Os audazes do trabalho humano, são sempre grandes. Infinita-

mente mais custoso foi abrir o tunel de Saint Gothard — que tem de comprimento subterraneo 14.930 metros — atravez de massas poderosissimas de granito.

— Muito me conta!

— E muito mais lhe contarei, se tiver pachorra de me ouvir.

O Padre Benevenuto continua no mesmo tom, depois de fugir d'uma onda, que ousou avançar mais pela praia, e depois de tomar assento n'outra cadeira de pau, já desengonçada.

— Ninguem deixe de ir á Lapa, com medo de passar mal. O *economista* lá está, com olhos bem atentos, para que aos romeiros nada falte.

Não se passa mal: nem no corpo, nem na alma. A alma está longe do mundo. Que paz tranquila ali se gosa! Ali o tempo é para Deus.

(*Continua*)

DR. JOSÉ D'ATHAYDE

O Sr. Dr. José d'Athayde, ilustre Director da Repartição de Turismo, que, ha algum tempo, está sofrendo d'uma forte comoção cerebral pelo que tem estado em tratamento na Casa de Saude da Cruz Vermelha, em Bemfica, regressou já á sua quinta em Loures; registando o seu estado leves tendencias para um regresso á normalidade.

Fazemos ardentes votos pelo rapido restabelecimento d'esse nosso muito prezado amigo.

COMERCIO DA MADEIRA

COMEMOROU ha pouco o segundo aniversario este nosso brilhante colega da Madeira, que, com o inicio do seu 3.º ano passou a ser regionalista.

Endereçando-lhe as nossas cordeaux felicitações, desejamos-lhe as maiores prosperidades e a satisfação de vêr bem coroados todos os esforços que empregar em proveito da bela região que defende com justo ardor.



**CINCO
CANTIGAS**

*Cantar é tarefa d'anjos,
Tarefa que agrada aos céus.
Cada canção é uma asa
Que nos eleva até Deus.*

EUGENIO DE CASTRO

*Sino, coração da aldeia ;
Coração, sino da gente :
Um a sentir quando bate,
Outro a bater quando sente.*

ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA

*Meu lenço de barra verde
Cahiu no mar e alagou-se ;
Diga o mundo o que disser,
Quero-te bem, — acabou-se.*

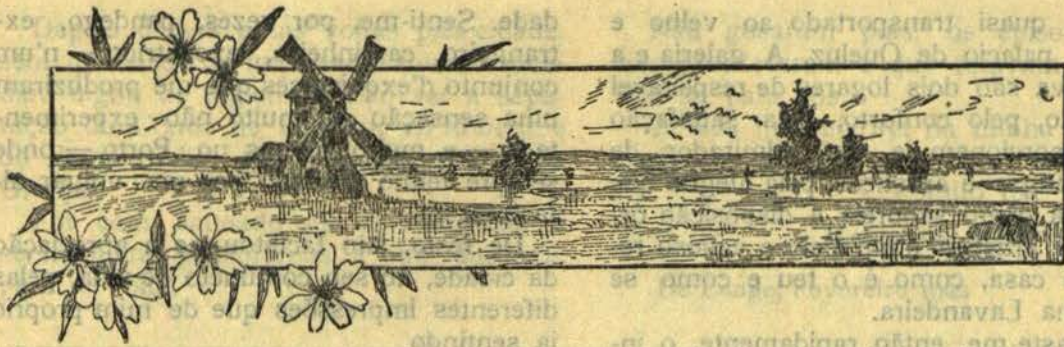
ANTÓNIO BOTTO

*Maria da Graça, é uma
Cachopa de olhos em braza ;
Vive sósinha, não fuma,
E tem cinzeiros em casa !*

AUGUSTO GIL

*Meu coração morre breve ; ;
Alma vê se te acomodas !
Só com lagrimas se escreve
E ha muito que as chorei todas.*

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA



CARTAS DE LONGE

ENTRE MINHO E DOURO

CHRONICAS D'UM TURISTA SENTIMENTAL

Ruy

Vou continuar a minha descrição. Depois que recolhi aos aposentos que me tinhas reservado, deitei-me e adormeci.

Passsei uma deliciosa noite.

Porem, antes de o fazer deixei as duas amplas janelas, do quarto que me destinaste, abertas de par em par, para que a luz da Lua me iluminasse durante o meu repousado somno, e para que, durante ele, os meus pulmões recebessem o ar tonificante d'essas regiões minhotas, entrando livremente e perfumado por esse aposento junto do jardim.

Acordei de manhã com o barulho dos sócos do Manuel jardineiro — não obstante o cuidado que ele tivera de cerrar as portas de dentro, para que a luz não me acordasse e o barulho do movimento matinal não me incomodasse.

Achei-lhe graça.

Vi mesmo que ele, antes de ter posto em pratica a sua humanitaria idéa, me fez uma reverencia de respeito pela minha viva imagem... a dormir.

Gosei-lhe o gesto de olhos semi-cerrados.

Levantei-me e abri outra vez as jane-

las—para poder saborear o aroma das flores, que aspirava sofredamente; para sorver egoista e sentidamente esse ar puro, leve e vibratil que, vindo dos vales e das montanhas d'alem, por onde a minha vista se expandia, chegava até mim para se mostrar com a sua invejável vaporosidade.

Voltei ainda a deitar-me, no intuito de mais encantadoramente me sentir transportado a essa região mystica, em que os meus sentidos então se debatiam, como que n'uma estonteante orgia de inefavel prazer.

O aroma das estêvas, dos pinheiros e dos eucaliptos purificava o ambiente.

Dentro em pouco era chamado á realidade da vida, pelo respeitoso apelo do *valet de chambre*, que me vinha trazer a primeira refeição d'esse dia, e que se compunha d'uns deliciosos pãesinhos, de saborosas bolachas, de finissima manteiga, d'optimo café e de leite puro.

— Como eu saboreei essa simples refeição !!!

Levantei-me pouco depois e acorri ao convite para te visitar nos teus aposentos. Fui pressuroso; e ao ingressar n'eles

senti-me quasi transportado ao velho e historico palacio de Queluz. A galeria e a sua alcova são dois logares de respeitavel admiração, pelo conforto, pela satisfação que proporcionam a um admirador de coisas antigas e artisticas, pela alegria que causam a quem saboreia a disposição ordenada e artistica d'um belo e valioso recheio de casa, como é o teu e como se admira na Lavandeira.

Mostraste-me, então, rapidamente, o interior d'esse encantador paraizo, que me permiti a liberdade de classificar como um muzeu, tal a variedade de coisas preciosas que vi, em moveis, télas, *bibelots*, joias e objectos d'arte.

Percebi que te desvaneceste com a minha classificação.

Diversos motivos faziam-te n'esse dia ir ao Porto. Propuzeste-me para te acompanhar no teu belo «Packard», prometendo-me uma jornada interessante com visita a diferentes pontos historicos que se encontravam no caminho por onde seguiríamos.

Acedi de boa-mente a esse convite e nem outra coisa podia fazer... embora me apetecesse ficar na Lavandeira a descaçar.

Eram dez horas — pouco mais ou menos — e o «Packard» estava preparado para a viagem. Tenho a impressão nitida do facto, como se d'ele estivesse examinando uma fotografia. Tu ias ao volante. A teu lado, o Conde de Pangim. Dentro e a seguir, o Nuno a par do Dr. Fernando Cochufel; no banco de traz, á direita, eu; ao centro o Fernandinho Guedes e á esquerda o Roberto.

— Vê como fixei bem o quadro!!!

Assim largámos da Lavandeira, passámos o Sousa, seguindo pelas atrahentes estradas de Paredes, a Cette, a Valongo a São Mamede da Infesta, entrando por fim na Cidade da Virgem, com o aspecto extravagante de grotescos exploradores.

Essa excursão, pelo conjuncto das suas condições, modificou-me por completo o semblante, o espirito — emfim a pessoali-

dade. Senti-me, por vezes, pandego, estrangeiro, caminheiro, excentrico — n'um conjuncto d'exquisiteces que me produziram uma sensação ha muito não experimentada — e muito menos no Porto — onde sempre tenho passado por um vulgar alfacinha.

De resto, isto facilitou-me a apreciação da cidade, no seu conjuncto de vida, pelas diferentes impressões que de mim proprio ia sentindo.

A unica coisa desagradavel era o estado lastimoso em que me achava.

E não só eu, como todos nós: cheios de pó, que mal se nos distinguiam as caras. Os fatos, esses, então, estavam cobertos por uma espessa camada de terra branca que um maldito automovel se farta de lançar sobre nós, durante o longo espaço em que, na estrada de Valongo, não pudémos tomar-lhe a dianteira.

Horrorisámo-nos de nos vermos a nós propios.

Dir-se-hia que tínhamos chegado d'uma excursão á Calabria. Mas não. Tínhamos apenas passado por uma vila onde ha abundantes rochas de schisto, tão negro que a Natureza, como sublime contraste, as fez rodear da terra branca que nos affligiu quasi até á medula.

Pensei, ao ver este contraste, que seria ali o paiz dos pretos e brancos... ás riscas...

Tratámos, pois, de nos pômos em estado de civilização — o que nos não foi difficil, pelos recursos praticos e rapidos que se encontram hoje no Porto.

Não me esquece, como facto notavel n'esta digressão, a sensação d'espanto que provocámos ao barbeiro da Rua de Santo Antonio, ao vêr-nos em tão deploravel estado.

Quasi que não queria deixar-nos entrar.

...Mas sahimos de lá como novos; e assim limpinhos, lavadinhos, escovados e barbeados démos entrada no «Camanho» — que é hoje, por assim dizer, o Tavares-rlco do Porto — onde fomos retemperar os vasio estomagos com um bem condimentado almoço, regado com optímo vinho verde.

Depois démos umas voltas pela cidade, sem que nada de importante tivesse sucedido digno de registo, a não ser a separação do Conde de Pangim, do Roberto e do Fernandinho, que tomaram o rumo da Granja.

Foi com saudade que os deixámos e sentidamente deplorámos a sua ausencia para a volta.

LISBOA ARTISTICA

EXPOSIÇÕES DE PINTURA

Como já sucedera anteriormente, desde Outubro de 1920 a Maio de 1921, também agora, quasi em identico periodo, tem decorrido com abundancia varias exposições de pintura, em que, quer isoladamente, quer em grupos, diversos artistas tem apresentado seus trabalhos ao publico da Capital.

Assim, no periodo de 1920-921, contámos mais de vinte exposições de arte; e n'este seguinte periodo já se abriram quasi outras tantas, as quaes se tem realizado com melhor ou peor resultado de successo e, portanto, de aquisições.

Inegavelmente ha sempre vantagem para o artista em expôr os seus trabalhos isoladamente, ou quasi, pois a «maneira» ou estilo próprio, sendo identicos, mantem concordancia de colorido embora divirjam os assumptos, e portanto não ha disparidades salientes, como se dá nas exposições de conjuncto. O publico, porém, é que, lhe sendo solicitada a atenção continuamente para várias exposições e em diversos locais, acaba por se cansar e desinteressar-se de comparecer na maioria d'elas, como o prova os raros visitantes que por vezes se veem observando em algumas das realisadas isoladamente.

E' claro que se a população fluctuante fosse numerosa em Lisboa, como é em algumas grandes capitães, todas as expo-

sições seriam concorridas; mas aqui o publico que se interessa pelas cousas de Arte é quasi sempre o mesmo; e d'ahi o desinteresse e portanto os insuccessos de vendas que tem tido algumas das ultimas exposições.

Outras, porém, destacam-se pelo exito que tiveram, sobre o apagado de algumas, dependendo, é claro, do valôr artistico do expositor ou expositores; e assim pode-se consignar que uma aproximada meia duzia d'essas exposições tiveram successo de interesse e de .. venda das obras expostas.

Assim, referindo-nos a algumas, notámos que as exposições Teixeira Bastos, Leitão de Barros, Carlos Reis e seus ex-discipulos, Alberto de Sousa, Simão da Veiga e, por ultimo, a de Antonio Carneiro, tiveram farta concorrência de admiradores e... de compradores.

Consignamos portanto aqui, uma sucinta referencia a algumas d'elas; e assim verificamos que o pintor Teixeira Bastos, antigo professor de desenho industrial, tendo vivido alguns anos em Paris, apresentou n'um salão, á Rua da Palma, uma abundante exposição de pintura, na maioria paisagens a oleo, resguardadas com vidros, á ingleza, de aspectos colhidos em França, em Hespanha e outros portuguezes, além de alguns quadros de figura e animaes,

Não gosaram pois, os episodios que nos aconteceram e que estavam guardados só para nós.

A eles me referirei na minha proxima carta.

Muito teu

MARIO DE MONT'ALVÃO

De Longe, Fevereiro 1922

tendo todos identica tonalidade, mas que além de bom desenho, revelavam sentimento e delicada factura, como é o intitulado *Queimadas*.

O já conhecido «Grupo do Ar livre» tendo á frente o grande Mestre de pintura que é o Professor Carlos Reis, abriu no Salão Bobone a sua costumada exposição anual, sendo esta a 5.^a, em que algumas telas, quer do Mestre, quer dos distintos pintores que o acompanham, foram muito apreciadas. Entre todas salientamos *Uma vaca leiteira*, de A. Cardoso, uma formosíssima tela em que a côr e o modelado do animal é do melhor que se tem pintado depois do grande Anunciação, e que se vendeu por um preço... que o animal vivo talvez não atingisse.

Tambem João Reis, o joven artista, convidou para o seu atelier da Rua da Trombeta os seus admiradores. Vasta concorrência foi apreciar parte da obra do notavel filho de C. Reis e de uma sua irmã.

Entre os muitos estudos de paisagem apresentados por esse novel pintor destacava-se uma vasta tela de notavel difficuldade, representando umas *lavadeiras* estendendo roupa n'um campo, uma sinfonia em branco, de que Reis filho se saiu brilhantemente.

Igualmente um grupo de aguarelistas constituido pelas talentosas artistas D. Helena e D. Raquel Gameiro, por Barata e Leitão de Barros, entre outros, tiveram bastante exito com a sua exposição na séde da S. N. B. Artes, salientando-se, d'este ultimo, uma grande aguarela a *Ceia dos Cardeaes*, bem estudada nos detalhes e em que uma das três personagens lembrava na fisionomia o grande actor João Rosa.

Tambem o aguarelista Barata na sua *Tarde do Alentejo*, conseguiu dar uma magnifica impressão dos dilatados horizontes d'aquella provincia.

O maior successo n'esta especialidade de pintura coube, porém, a Alberto de Souza, o infatigavel e talentoso aguarelista, que organisou no Museu do Carmo mais uma notavel exposição de assumptos, na maioria archeológicos, e de praias, colhidos em varios cantos do paiz, em que ao

cuidadoso desenho, se liga um feliz, embora sombrio, colorido. O artista viu vender-se lhe toda a coleção, que se maior fosse, mais compradores teria tido. Entre os assumptos havia uma coleção de aspectos monumentaes de Vizeu, que todos foram adquiridos para o Museu d'aquella bela cidade beirão.

Causaram surprêsa e muito agradaram alguns poucos quadros expostos na sala Bobone, pelo pintor ribatejano Simão da Veiga, representando, além d'um belo retrato de Senhora, varios touros, cavalos e campinos nas planicies do Ribatejo. Um *Toiro negro* ensanguentado e mugindo com a dôr das farpas arrancadas, era, além de um *tour de force* como pintura do natural, um motivo sensacional.

Mais recentemente ainda Antonio Carneiro teve um soberbo exito com as suas telas e desenhos, em que retratos de bêbês, de damas e de alguns intellectuaes, são maravilhas de desenho; e entre estes um auto-retrato que era um primor de pintura. O Estado adquiriu-lhe a grande tela *Companheiros*, um belo rapaz rodeado de estilizados cães.

Tambem o notavel artista portuense apresentou uma interessante série de pequenas aguarelas, pasteis e oleos de aspectos marinhistas e paisagistas do Douro, Minho e do Brazil, de tonalidades azuladas e cinzentas, inferiores todavia aos trabalhos de figura em que é um consagrado.

Ainda outros artistas, como Santos com um grupo de novos, e Leon Appert, além de outros pintores, isolados—ocasião houve que se contaram três exposições ao mesmo tempo em diversos locais—apresentaram trabalhos de pintura quer em figura, quer em paisagem, mais ou menos felizes.

Terminamos esta nossa resenha pelo principio, isto é, recordando que esta avalanche de exposições, foi iniciada em Novembro ultimo, pela da «Arte Catalã», no salão da Rua Barata Salgueiro, na qual um numeroso grupo de 121 artistas da antiga Aragão, alguns já falecidos, expozeram variadissimos trabalhos de pintura, desde a preciosa pequena tela *Fantasia mou-*

risca de Galofre, e algumas soberbas paisagens naturalistas, até o mais descabelado futurismo, como um *Nú*, de Mercadé, de má côr e peor desenho, em que a figura se desdobrava em frente, três quartos! e perfil!—sem intervenção de espelho que o explicasse.

Por fortuna o hilariante futurismo, cubismo e outras terminações em *ismo*, bri-

lharam pela ausencia nas muitas e variadas exposições portuguezas d'este moderno periodo.

Deve terminar, se terminar, a série d'elas, com a proxima exposição anual da S. N. B. Artes, em que as várias manifestações da arte se deverão exhibir e oxalá brilhantemente.

MIRÓNE

ASPECTOS CIDADINOS

O CARNAVAL

DE ano para ano a época que convencionalmente se chama *Carnaval*, vae tendo menos o direito a essa classificação.

Ha já tempo, nas columnas d'esta Revista, erguemos a nossa voz em harmonioso concerto com o nosso brilhante colaborador Sr. Alfredo Pinto (Sacavem), n'um clamoroso protesto contra a forma como em Portugal, especialmente em Lisboa, se exhibiam as manifestações carnavalescas.

Infelizmente, de nada serviu esse nosso protesto, que não ultrapassou o limite máximo do platonismo.

Não obstante, vimos hoje renoval'o, em nome do decôro e da dignidade nacionaes estupidamente ultrajados, em nome da Decencia, da Civilisação e dos principios humanos por que se regem todos os povos cultos.

E' necessario fazer-se uma grande campanha para que acabe essa indecencia, essa réles e misera demonstração d'um incomprehensivel relaxamento como o que se produziu com as varias exhibições *carnavalescas* que este ano se apresentaram á clara luz do Sol que nos iluminou durante essa, felizmente, rapida quadra.

No Carnaval passado então, essas ma-

nifestações caracterisaram-se pelas mais abjectas das idéas que um cerebro pôde conceber.

Chega, até, a parecer impossivel que se consentissem tão extraordinarios syntomas de degradação!

Aparte a manifestação carnavalesca organizada pela academia lisboeta, sempre expontanea em espiritualisar os factos mais correntes, o resto — qual resto? — nem se sabe mesmo como se ha de classificar.

— Simplesmente uma vergonha.

Se não ha nenhuma entidade, n'esta cidade de marmore e de... granito á beira do... Terreiro do Paço dominada, que chame a si a organização e direcção dos futuros divertimentos ou festejos carnavalescos, então que os Governos — já que fazem tudo quanto lhes dá na real gana — que façam, ao menos, uma unica coisa com: geito: — decretarem, muito simplesmente, a abolição do Carnaval.

Seria essa — n'essas condições — talvez a unica vez em que um governo sentiria o aplauso unanime de toda a Nação.

...E nós seriamos os primeiros a applaudil'o.

MARIO DE MONT'ALVÃO

A Serra da Neve ou de Montejunto

O artigo que publicámos em o nosso numero referido a Janeiro passado, sob o feliz titulo que nos serve de epigrafe, da auctoria do nosso muito estimado colaborador Sr. Ribeiro Christino, teve o admiravel condão de agradar a ponto de sermos solicitados para fazermos sentir a nossa intervenção no sentido de se melhorarem as condições d'acesso a essa Serra e a algumas das povoações que assentam principalmente nas suas faldas a Oeste e que fazem parte dos concelhos de Cadaval, Torres e Alemquer.

Um das pessoas que mais se entusiasmou com essa descripção, veio visitar-nos, entregando-nos copia dos officios dirigidos em 1916 á Repartição de Turismo, sobre a necessidade de se atender, sem demora, á conclusão e reparação das estradas que servem aquelles concelhos.

Como até a presente data ainda não foram satisfeitos os desejos dos interessados, chamamos para o caso a atenção do sr. Administrador Geral das Estradas e Turismo, esperando que S. Ex.^a dedique um pouco de sua preciosa atenção a este importante assumpto.

Para maior esclarecimento transcrevemos a seguir os dois officios:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Director do Turismo - Lisboa - Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. - Sendo Pragança, um dos mais belos e industriaes sitios da Serra da Neve (Serra do Montejunto), maior se tornaria ha muitissimos anos - não só por ter fornecido largo tempo gelo para Lisboa, quando ela o não podia obter (por não ter para isso fabricas) como, pelo fornecimento de frutos e, ainda, por ser um sitio *apreciavel*, mas desconhecido, se fosse digna de ser protegida dos Poderes Publicos.

Portanto os signatarios d'esta petição, assim como todo o povo d'esta terra, vem junto de V. Ex.^a como Director do Turismo, implorar a vossa protecção; e sabendo como V. Ex.^a é apaixonado por essa industria, pedimos-lhe que interceda junto do Ex.^{mo} Ministro do Fomento para que ordene que sejam concluidas as estradas que ligam esta bela, mas pobre terra, com Vila Nova da Serra, por seguimento de Torres Vedras; e por Alemquer a que passa por Vila Verde dos Francos e Villar e ainda a que, vindo das Caldas da Rainha para Alem-

quer, liga com a estrada do Cercal, Alcoentre e Azambuja

Não é grande a despeza; pois está orçada em *sete mil e quinhentos escudos (7.500\$00)*, e portanto Sua Ex.^a o Ministro do Fomento, decerto resolveria o assumto visto ser a verba tão insignificante, e ser um verdadeiro patriota.

Esperando que V. Ex.^a como tambem bom patriota e propagandista de Portugal, fará tudo quanto ao seu alcance esteja, somos, como representantes do povo de Pragança, - gratos - Saude e Fraternidade. - Lisboa, 24 de Julho de 1916. (Seguem as assinaturas).

Lisboa, 8 de Agosto de 1916. - Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Director da Repartição de Turismo. - Lisboa - Ex.^{mo} Sr. - Como V. Ex.^a se interessa pelo desenvolvimento de Turismo e ao mesmo tempo pela conservação das estradas, vimos lembrar a V. Ex.^a a conveniencia que haveria em se concluirem diferentes estradas que se encontram em começo desde 1910, e que só no concelho do Cadaval ha cinco n'estas condições.

Por este meio vimos solicitar de V. Ex.^a a sua interferencia perante o Ministro do Fomento para ser concedida a autorisação para ser concluida pelo menos uma d'estas estradas, a principal, que liga Villa Nova da Serra a Pragança e pelo Oeste com Torres Vedras, ficando assim estabelecida as tão necessarias communicações entre Alemquer, Villa Verde dos Francos, Villar e Cercal, e satisfeitas tambem diversas necessidades da região

Seria de grande vantagem uma visita de V. Ex.^a a esta localidade, para ver quão justa é a nossa petição; e juntando assim o util ao agradável, gosaria o belo panorama que se disfruta da Serra do Montejunto, a 664 metros de altitude, e que varios estrangeiros tem admirado.

Ousamos fazer esta petição, pois o orçamento para a conclusão da dita estrada orça simplesmente em 7.500\$00 (sete mil e quinhentos escudos) verba esta que facilmente poderia ser consignada a este fim.

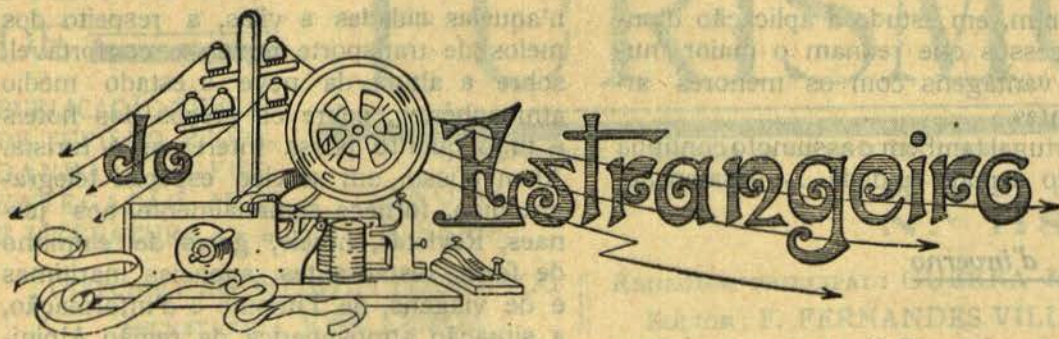
Esperamos que V. Ex.^a não deixará de atender a petição acima - Saude e Fraternidade (seguem as assinaturas)

REVISTA DE TURISMO

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont.— semest.	2\$00
Ano.....	4\$00
Colonias—ano.....	7\$50
Extrangeiro—ano.....	10\$00

Numero avulso \$40 (400 réis)



Glorificação da cosinha franceza

A CERCA da comemoração da morte do grande artista da cosinha franceza que se chamou Brillat-Savarin—e a que nos referimos no penultimo numero d'esta Revista—é interessante frisar a importancia que o facto teve n'aquelle Paiz.

A Revista do Touring Club de France, dedicando-lhe a sua primeira pagina, na qual insere a photographia d'uma artistica plaquette com o retrato do glorificado posthumo, escreve os seguintes periodos bem significativos da forma como os francezes interpretam a arte de atrahir :

Não ha arte que mais intimamente esteja ligada ao turismo do que a culinaria. Não ha paiz nenhum, no Mundo onde a arte culinaria seja mais rica, mais fina e mais variada do que em França. Assim o tem provado o Touring Club, que, sem cessar, tem apreçoado o valor indiscutivel, a incomparavel riqueza que a satisfação dos mais exigentes caprichos da gastronomia constitue para a França.

A seguir descreve o successo da *semana Brillat-Savarin*, durante a qual todos os hotéis e restaurantes se comprometeram a cuidar especialmente das suas ementas, por forma a fazer salientar bem que se tratava d'uma consagração ao grande mestre da cosinha franceza, cujo retrato todos os comensaes eram, por assim dizer, obrigados a adquirir, embora essa obrigação

FRANÇA

lhes fosse imposta por uma maneira captivante.

Ora, a *semana Brillat-Savarin* teve uma tão excedida consagração, que os seus organizadores resolveram prolongal'a por... um mez; fazendo reverter para o fundo especial destinado à construção d'um monumento ao grande cosinheiro, o producto intacto da venda das photographias da *plaquette*.

Eis aqui, applicada ao turismo, a forma preconizada por Madame Ratazzi (se não estamos em erro) para a atração dos maridos desavindos.

...E' tocar-lhes na móla *estomaeal*.

Novo pavimento das estradas

EM França, onde o pavimento das ruas e das estradas tem sempre merecido especiaes cuidados, procede-se actualmente a ensaios sobre a applicação de novos productos nos pavimentos destinados á rolagem dos vehiculos. Em algumas estradas foi empregado um novo producto chamado «*Bitulith*»; e em outras um novo processo denominado «*Monolastic*».

Até agora, os resultados [obtidos] são bastante agradaveis, pois qualquer dos dois processos não causam poeira alguma com a rolagem dos vehiculos, calculando-se a sua duração em cerca de 12 anos.

Para os automoveis apresentam o inconveniente de proporcionarem facilidade nas *dérrapages*; todavia parece facil evital'o.

Ha, porém, em estudo a aplicação d'outros processos que reünam o maior numero de vantagens com os menores inconvenientes.

Em Portugal tambem o assumpto continua merecendo a mais cuidada... desatenção.

«Sports» d'inverno

As instancias officiosas que se impuzeram a obrigação de cuidar pelo desenvolvimento do turismo em França, assim como as repartições officiaes ás quaes é atribuida esse dever, não perdem uma só oportunidade, não desprezam um só motivo para bem se desempenharem d'essa missão.

Tudo ali lhes dá ensejo para provocar a atenção do estrangeiro, para o atrahir, para o captivar.

Por toda a parte, principalmente na região alpina, o Touring Club de France, d'acordo com o Club Alpino Francez e com a colaboração da Repartição Official de Turismo, fez repetir as festas desportivas que o ano passado constituíram a *estação dos desportos d'inverno em França*, e nas quaes os syndicatos d'iniciativa e as sucursaes d'aquelas agremiações tiveram um papel preponderante.

Assim, em Chamonix, em Font-Romeu, em Caeterêts, em Megève, em St. Pierre de Chartreuse, em Peiracasa, Beuil, Revard, assim como nos Vosges e em Jura, principaes estações francezas d'inverno e que se acham colocadas nos Alpes, as festas sucederam-se de forma a tornar interessante a estada ali dos estrangeiros.

Para assegurar um completo exito a esta idéa, o T. C. F. e o C. A. F. estabeleceram um serviço especial de propaganda e d'informações, não só no intuito de encorajar uma completa organização das estações hibernaes, mas, principalmente, para a atração dos estrangeiros. D'esta sorte, as agencias da Repartição Official do Turismo em Londres, New-York, Genova e Barcelona, foram instruidas com elementos particulares d'informação sobre as manifestações desportivas

n'aquelas cidades e vilas, a respeito dos meios de transporte rapido e confortavel, sobre a altura da neve e estado médio atmospherico, sobre os preços dos hotéis e tudo quanto possa interessar o turista. Alem d'isso, um serviço especial telegraphico, fornece semanalmente aos jornaes, Revistas, hotéis, gares de caminho de ferro, restaurantes, agencias maritimas e de viagens, de Turismo e d'informação, a situação atmospherica da região Alpina, indicando exactamente o estado da neve, atmospherica e o programa das festas em cada uma d'aquelas estancias.

Ora, é assim que se trabalha para o desenvolvimento do Turismo.

Tudo o mais são *burrocracias* sem nenhum resultado pratico.

MUDANÇA DA HORA

Por um decreto recentemente publicado pelo Ministerio do Trabalho, foi revogada a legislação que obrigava as constantes mudança da hora legal, fazendo-a obedecer a um criterio de horario consoante as estações do ano.

Reconheceu-se, pois, embora tardiamente, que já não havia razão para se manter o *bailado das horas*, e fez-se com que, n'este capitulo, se entrasse nos eixos. Isso se deve á campanha levantada pela imprensa, na qual tomámos uma parte activa, salientando—como o fizemos ainda em o nosso ultimo numero — os grandes e prejudiciaes inconvenientes que resultavam da manutenção do anterior regimen, principalmente pelo que respeitava ás ligações internacionaes, tanto mais que a Hespanha continuava, e com justa razão, a regular-se pela hora legal.

Acabou-se, emfim, essa barreira, com o que só temos a regosijar-nos.